

A IDENTIDADE À FLOR DA PELE. ETNOGRAFIA DA PRÁTICA DA TATUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE*

Andrea Lissett Pérez

A tatuagem na contemporaneidade adquiriu uma nova forma de ser assumida e de ser praticada socialmente. É cada vez mais freqüente e corriqueiro ver corpos tatuados em distintos setores sociais, sem restrições (ou poucas existindo) de gênero, idade ou *status*. É evidente que a tatuagem deixou de ser uma prática exclusiva da marginalidade e começou a inserir-se em novos contextos sociais, ganhando outros significados. Como se produziu essa mudança? De que maneira é possível compreender a transformação da imagem gerada pela tatuagem, historicamente considerada como um estigma, mas vista nos dias atuais como uma obra artística e/ou um adereço corporal? Apesar desse fenômeno estar sendo objeto de indagação nas ciências sociais, as análises daí decorrentes centram-se em aspectos parciais, seja abordando a ótica dos tatuadores, seja dos tatuados, ou ainda a tatuagem como objeto de contemplação. Carece-se de uma perspectiva mais complexa que contemple as distintas dimensões que aí estão em jogo ou, seguindo Mauss, de uma visão de "fato social total" que permita conceber o universo e as singularidades que este expressa.

O objetivo deste artigo é contribuir para uma visão "total" da tatuagem, partindo da noção de prática e tentando reconstruir, com base nessa perspectiva, os contextos socioculturais, os processos, os rituais, as interações, as formas de apropriação e de construção subjetiva presentes na contemporaneidade. Os argumentos que conformam este artigo fundamentam-se no trabalho de campo que durante um ano (1992-93) realizei no estúdio de tatuagem *Experience Art Tattoo*, na cidade de Florianópolis, participando de suas atividades cotidianas (atendimento a clientes, sessões de tatuagem, reuniões informais) e fazendo algumas entrevistas focalizadas.

A construção do novo cenário da tatuagem

A prática da tatuagem no Ocidente tem passado por distintos contextos sociais¹. Inicialmente, como arte "exótica", foi introduzida pelos viajantes e pelos marinheiros do século XVIII que, seduzidos por esta arte corporal praticada por distintos povos aborígenes (especialmente os das ilhas do Pacífico), começaram a tatuar seus próprios corpos. Posteriormente, no século XIX e no início do século XX, setores marginais da sociedade, como presidiários, meretrizes e soldados, apropriaram-se da tatuagem, que alcançou especial importância nos ambientes dos cárceres, onde foi conhecida popularmente como a "flor do presídio" (Grognaud 1992). A passagem por esse tipo de universo social fez com que a tatuagem começasse a ser identificada como marca de marginalidade, atuando em um duplo sentido: como meio e como estigma social. No ano de 1967, tribos urbanas – roqueiros, motoqueiros, *hippies* e, de maneira mais radical, os *punks* e os *skins* – foram apropriando-se desse imaginário, adotando a tatuagem como uma marca corporal através da qual ostentavam publicamente sua vontade de romperem com as regras sociais e de situarem-se deliberadamente à margem da própria sociedade (Pierrat 2000; Le Breton 2002).

O sentido estigmatizador do uso da tatuagem começa a mudar a partir dos anos 1980, com o estabelecimento de modernas lojas exclusivas (dotadas de equipamentos especializados, materiais descartáveis e diferentes meios de promoção), a profissionalização de seus praticantes, o melhoramento da técnica e, sobretudo, as novas formas de conceber o corpo como obra-prima de construção do sujeito e aberto às transformações (Le Breton 1995). A tatuagem torna-se, assim, uma das opções estéticas procuradas pelas novas gerações.

No Brasil, local escolhido para a presente pesquisa, o processo de modernização da prática da tatuagem segue um caminho mais lento em razão da dificuldade de acesso às novas técnicas e, principalmente, à máquina elétrica. Os avanços nesse campo dependeram basicamente dos tatuadores estrangeiros que, chegando ao país, se converteram em intermediários da nova tecnologia da tatuagem. É o caso de Tatto Lucky, imigrante dinamarquês, marinheiro, de família de tatuadores, que veio para o Brasil em 1959, aqui ficando até a sua morte em 1983, e que se converteu, com o passar dos anos, em "mito de origem" da tatuagem contemporânea no Brasil (Marques 1997:175). Seu prestígio deveu-se ao domínio que tinha da técnica moderna e, em particular, da máquina elétrica, em um momento em que a tatuagem ainda era praticada à mão. Lucky tornou-se, assim, uma referência importante para as novas gerações de tatuadores e, em especial, para os pioneiros da modernidade – Stopa, Tuca, Alemão² – que vivenciaram com ele, se assim podemos afirmar, a primeira escola de tatuagem, através de um processo de aprendizagem infor-

mal, característica desse ofício que guarda cuidadosamente os seus segredos e “truques”: “Eu aprendi com Lucky, observando. Ele não ensinava. Eu ia à loja dele para levar os meus amigos para serem tatuados, e eu ficava olhando como era que ele fazia [...]” (Stopa, depoimento colhido em 2003).

Assim, durante a década de 1970 o mundo da tatuagem viveu um período de experimentação, de passagem das “agulhas caseiras” à fabricação de máquinas elétricas: “Entrou em ação o jeitinho brasileiro. Gravadoras, vitrolas, aparelhos de barbear e aceleradores de autorama foram sacrificados em nome da arte” (Marques 1997:192). Igualmente, os lugares onde se tatuava eram improvisados em pequenos espaços dentro de galerias, academias de ginástica, barbearias etc., em geral, nas próprias casas dos tatuadores. Nessa época, a tatuagem mantinha *status* de ofício doméstico, artesanal, praticado por amadores, em um ambiente no qual predominavam as relações de amizade e um jeito de festa: “Tatuava-se naquele clima de ‘doidera’; tatuar era mais que fazer um desenho, era um evento, uma festividade [...] o cara entrava na casa às dez horas da manhã e saía às três horas da manhã seguinte, chapado, bêbedo e tatuado” (Gêsa, depoimento colhido em 2003)³.

Foi só a partir dos anos 90 que começaram a ser estabelecidos estúdios de tatuagem com toda a parafernália moderna – instrumental, materiais descartáveis, catálogos etc. – que tentavam imprimir uma nova imagem de profissionalismo, de qualidade artística e de procedimentos higiênicos em relação à prática, embora sem fácil aceitação social em função do estigma que o trabalho carregava. Esta a razão pela qual as novas gerações de tatuadores confrontaram-se com problemas que iam além de questões meramente técnicas (que prevaleceram nas décadas anteriores) situando-se no campo do simbólico, na luta pelo reconhecimento social da tatuagem.

Nesse contexto situa-se a loja que é o objeto da presente pesquisa, *Experience Art Tattoo*, a qual está tentando firmar-se, desde o ano de sua abertura, em 1996, em uma nova categoria econômica e social, notoriamente diferente da que foi criada nos espaços marginais em que tradicionalmente era praticada essa arte. Localizada em um lugar nobre da cidade de Florianópolis, em uma típica casa antiga portuguesa, a loja é decorada em estilo que tem a intenção de gerar impacto e de atrair o público.

Em sua fachada externa podem ser vistas grandes máscaras carnavalescas que convidam à tatuagem. Logo na entrada há distintos elementos decorativos, como um pequeno altar com um Buda e um vaso sanitário com plantas. Em seu interior, na primeira sala, que funciona como área de atendimento ao público, uma decoração mista faz sobressair ícones típicos da tradição da tatuagem, rostos agressivos, figuras lúdicas, eróticas e diabólicas; também compõem o ambiente alguns símbolos alusivos ao estilo

de vida rebelde dos anos 60 e 70, como a imagem de Jimmy Hendrix e um cartaz da Cannabis. Completam o ambiente imagens surrealistas, como alguns quadros feitos pelo tatuador do lugar (no estilo de Salvador Dali) e um boneco verde inflado semelhante a um extraterrestre.

Na segunda sala – o estúdio de tatuagem – ganham destaque a brancura do piso e das paredes, a austeridade dos objetos e a presença de móveis clínicos. Contígua ao estúdio está a sala de esterilização, equipada com o devido instrumental para esse fim. Por último, uma pequena sala de estar mais íntima que, marcada por um estilo psicodélico nas paredes, guarda uma das excêntridades do lugar: uma tarântula presa, carinhosamente chamada Clô.

Como se pode notar, a construção do cenário dessa loja é o resultado de uma bricolagem de símbolos de distinta natureza, sendo destacáveis, no meio dessa multiplicidade de formas e sentidos, duas tendências. De um lado, a que reúne os símbolos que realçam o “exotismo” (ícones da tatuagem, imagens surrealistas, orientais e outras) característico da prática e que, no atual contexto, torna-se importante fator de atração para o público que se dirige a esse mercado à procura de algo “diferente” e “alternativo”. De outro lado, estão os símbolos que se relacionam com o ambiente clínico (a brancura, a austeridade, por exemplo) e que correspondem a um estilo conceituado pelos idealizadores como *clean*, por meio do qual tentam recriar um novo visual para tal prática, com a intenção de que “o pessoal mais velho e de uma classe social e cultural mais elevada possa cortar com essa história de preconceito da *tattoo*” (Gêsa, depoimento colhido em 2002).

É evidente que na proposta de reconstrução do novo cenário da tatuagem há uma busca explícita para se chegar a distintos públicos, em especial, às classes sociais média e alta, possuidoras que são de melhores condições para pagar o custo de um serviço cada vez mais sofisticado. Com essa intenção, há um esforço para mudar a fachada social da prática, recorrendo à alteração de seu caráter abstrato, conforme preconiza Goffman (1975:33):

Por mais especializada e singular que seja uma prática, sua fachada social, com algumas exceções, tenderá a reivindicar fatos que podem ser igualmente reivindicados e defendidos por outras práticas algo diferentes [...] Conquanto, de fato, estes padrões abstratos tenham um significado diferente em diferentes desempenhos de serviços, o observador é encorajado a realçar as semelhanças abstratas.

No cenário atual da tatuagem, há a inserção de elementos típicos do ambiente clínico, os quais recriam, de forma abstrata, esse espaço social e levam, tal como afirma Goffman (1975), a fazer essa correlação. Apesar de ser abstrata e geral, tal relação de semelhança está carregada de significado

porque, além de gerar uma certa proximidade entre as duas práticas – a da tatuagem e a da clínica – sem dúvida ajuda a melhorar a imagem social da tatuagem, além de possibilitar a apropriação não só das características que identificam o ambiente clínico, mas as sensações que estas evocam: confiança, tranqüilidade e segurança em relação ao serviço que ali é oferecido.

Assim como vêm ocorrendo mudanças nos ambientes onde se efetua a tatuagem e no próprio conceito da prática, um novo *status* é alcançado pelo tatuador. Ele não é mais um simples “marcador da pele”, mas um profissional e um artista com reconhecimento social, enquadrado em uma categoria que poderia ser a de *expert*, verdadeiro especialista na matéria.

Em síntese, investe-se na subversão dos valores, do *status* e do lugar social e cultural que têm caracterizado o exercício dessa prática por meio dos seus três componentes básicos: o tipo de usuário (antes restrito a uma população marginal e agora abrangendo todas as classes sociais), o perfil do tatuador (de amador a profissional) e o caráter da tatuagem (de estigma à obra artística).

Esta mudança é bastante complexa, em razão da longa tradição de desprestígio e condenação da prática da tatuagem, e se faz evidente na série de valores “negativos” com os quais ela é relacionada, como aquilo que é sujo, podre, perigoso, proibido e contaminado. Como essas associações foram muito recorrentes nos depoimentos recolhidos, comecei a pensar na categoria cultural do “impuro” como aquela em que está localizada simbolicamente a tatuagem.

Mesmo que em seu livro “Pureza e Perigo” Mary Douglas (1976) desenvolva uma perspectiva direcionada à análise religiosa, considero que sua tese sobre a dicotomia pureza/impureza, como ordenadora simbólica da realidade, pode ser aplicada na compreensão do lugar em que se estabelece a prática da tatuagem. De acordo com a autora,

[...] certos valores morais são mantidos e certas regras sociais são definidas por crenças em contágio perigoso [...] as crenças em poluição podem ser usadas num diálogo reivindicatório e contra-reivindicatório de *status* [...] as idéias de poluição se relacionam com a vida social. Acredito que algumas poluições são usadas como analogias para expressar uma visão geral da ordem social (Douglas 1976:14).

Assim, a associação feita entre tatuagem e sujeira pode ser vista como uma forma de se reagir socialmente diante de uma situação considerada perigosa, provocadora de desordem, geradora de um tipo de “anormalidade”. Mas qual é a ordem ou a normalidade que a tatuagem transgride? A normalidade do corpo, pois ao ser nele realizada uma modificação, colocada uma marca definitiva, está sendo violado o que é considerado ideal: a sua forma “natural”.

Alterar o corpo, portanto, é gerar um desequilíbrio na ordem das coisas, na ordem regida pelo pensamento religioso de origem judaico-cristã, que concebe a modificação corporal como uma profanação não só do corpo, mas da imagem de Deus (Falk 1995). Desse modo, a tatuagem como ato anti-natural é enquadrada na categoria do impuro, associada a todos os valores negativos que nela estão contidos.

A concepção da “impureza da tatuagem” está diretamente relacionada ao estilo de vida que historicamente faz parte dessa prática no mundo ocidental: nos limbos sociais, na marginalidade, na malandragem, na rebeldia, no fora do convencional, nos excessos de álcool e de todo tipo de drogas. Tudo isso delineia um perfil de desvio social, inclusive, apontando para doença mental (Sanders 1988:428). Dessa forma, a tatuagem como prática social construiu-se no âmbito do “impuro”, da profanação corporal. Ao aceitar este fato, não contradizia a maneira com a qual era assumida socialmente. Mas ao desejar mudar o seu propósito, ao perder o sentido de auto-estigma corporal e/ou expressão de rebeldia social, ao fugir do mundo marginal e buscar ascender a um lugar de reconhecimento e de legitimidade social – tal como é manifestado pelos novos atores – desencadearia uma intensa luta no terreno do simbólico para mudar a cara antiga e ganhar um novo espaço social⁴.

O processo de ser tatuado

O primeiro passo para ser tatuado é a escolha da loja. Nesse momento, entra em ação um elemento-chave: a política de “encantamento” de cada lugar. Apesar das variações existentes, essa política consiste basicamente na promoção de três aspectos considerados fundamentais na tatuagem contemporânea: as medidas higiênicas, o trabalho profissional do tatuador e a qualidade artística da tatuagem. Sendo assim, a eleição depende, em grande medida, da impressão que a pessoa venha a ter do lugar. Também são levadas em consideração as recomendações feitas por amigos, familiares ou conhecidos sobre a qualidade do estúdio ao qual se recorre.

Escolhida a loja, inicia-se um processo de acercamento, de interação, de criação de laços de proximidade com os atores desse espaço e, em especial, com o tatuador. À primeira vista, parece que ali só transcorre uma relação comercial, uma simples transação de compra e venda de um serviço, mas uma observação mais detalhada permite perceber os intercâmbios, as pequenas negociações, os trânsitos de sentidos, de afetividades que ali ocorrem.

Essa relação começa a ser construída a partir do momento da escolha da tatuagem pois, ainda que pareça estranho, a maioria que vai ser tatuada não

tem definido, realmente, o que quer fazer. Ainda que as pessoas cheguem com alguma idéia aparentemente clara, quando têm de optar pelo tipo de desenho, de definir suas características específicas – cor, forma, tamanho, escolha do local do corpo onde ficará a tatuagem – surgem as dúvidas:

A maioria das pessoas acha que vem com uma idéia, jurando que quer aquilo, mas na hora que você começa a trabalhar aquela imagem, tudo muda. Começam as dúvidas: “mas isso foi fulano de tal que me indicou, eu não queria isso assim”. Aí é quando você se toca: ou a pessoa está com medo, está insegura, ou ela realmente não sabe o que quer. Aí você começa a trabalhar com ela em torno disso [...] em cima da idéia da pessoa (Gêsa, depoimento colhido em 2002).

A definição do desenho não é algo trivial. Não é um problema que se reduza à escolha de uma determinada imagem, mas é de fato a busca de “algo” com o qual a pessoa se identifique e, nessa medida, adquira o valor de ser inscrito e eternizado em seu corpo. O problema é que o reconhecimento de tal identidade não é tão fácil, e muito menos o é o processo de traduzi-la em uma imagem corporal. Portanto, o delineamento dos detalhes da tatuagem requer, assim como eles afirmam, “trabalhar em cima das idéias da pessoa”, a fim de que ela possa chegar à escolha desejada.

Mas o que significam as “idéias da pessoa”? Quando comecei a explorar essa noção, encontrei uma categoria nativa, bastante significativa nesse meio, pela qual se denota o “psicológico da pessoa”, seu “mundo interno”, seus “gostos pessoais”. Nesse sentido, “trabalhar nas idéias da pessoa” representa a busca da sua interioridade através de um processo de interação por meio do qual a pessoa a ser tatuada abre seu mundo, e o tatuador colabora na busca e na tradução dessas “idéias” em imagens. Seguindo tal linha de pensamento, poder-se-ia afirmar que a imagem, como representação da “idéia”, é relevante não exatamente por seu conteúdo particular, mas pelo que ela é capaz de dizer do sujeito, do seu interior. Ao mesmo tempo, o papel do tatuador é o de mediador na interpretação dessa subjetividade que se exterioriza na iconografia da tatuagem.

Para compreender melhor a forma como se desenvolve o processo, analisemos um caso específico: o de Adriano, músico, 30 anos, que veio fazer sua primeira tatuagem motivado por seu irmão, que já havia vivido essa experiência na loja. Ele, como muitos dos casos anteriormente mencionados, não tinha uma proposta concreta do desenho que iria escolher. Só sabia que queria “algo” que “tivesse relação com a música”. Como existia um relacionamento prévio com o irmão, ele foi diretamente atendido por Mano, o tatuador. A interação iniciou-se informalmente, vários temas foram levantados, olharam-se desenhos e diferentes opções surgiram, até que veio a proposta

dos ideogramas chineses como uma maneira simbólica de representar as virtudes da música. Adriano gostou da idéia e começou a pensar em figuras, tamanho, como ficariam no seu corpo, visto que já havia definido o ombro e parte do braço como os lugares ideais, pois costumava usar camisetas durante os concertos e considerava "legal" que as tatuagens estivessem visíveis em tais circunstâncias. Decidiu-se finalmente pelos ideogramas da sabedoria, da proteção e da justiça. Quando lhe perguntei sobre o sentido que teriam, ele respondeu seguro que aí estava a música em um "sentido espiritual".

Depois de ser definido o tipo de desenho, procederam à revisão do tamanho da tatuagem e do local do corpo onde ficaria. Quanto ao local escolhido para a aplicação da tatuagem, não houve discussão, mas em relação ao tamanho dos ideogramas existia uma pequena diferença de opiniões. Adriano achava que eles deveriam ser menores e Mano considerava que ficariam bem se maiores. Adriano não parecia estar convencido totalmente. Para resolver o impasse, decidiram realizar uma prova nos dois tamanhos sobre o corpo. Adriano, após observá-los demoradamente, convenceu-se de que o tamanho apropriado era o sugerido por Mano.

A prova sobre o corpo é uma imitação, a mais fidedigna possível, da forma, do tamanho e da localização que a tatuagem ocupará no corpo⁵. Este é o momento decisivo da escolha da tatuagem, porque a pessoa consegue, finalmente, visualizar sua idéia inicial através de uma imagem concreta, bastante próxima à real, agora já impressa em seu corpo.

Dessa maneira, a pessoa chega à última fase do processo: ser tatuada. É o momento esperado, que resume as expectativas vividas ao longo dos passos anteriores, é a materialização de um projeto pessoal (Velho 1981) que, por mais impulsivo ou repentino que pareça ser, tem a sua importância na vida do indivíduo, na medida em que envolve distintas facetas de seu ser: a emoção, o imaginário, o físico, este último expresso pela pele a ser desenhada, pelo sangue e pela dor sentida.

Nesse momento, a interação com o tatuador cumpre um papel crucial. A proximidade, construída durante o processo, é cada vez maior. Inclusive, como eles mesmos afirmam, tatuador e tatuado terminam por construir laços de amizade: "Geralmente, o cara que você tatua vira seu amigo, porque é uma coisa que você vai deixar para sempre em sua pele, é uma questão de sentimento, até de espiritualidade, é o sangue que está rolando [...]" (Tuca, depoimento colhido em 2003).

Ainda que se possa estabelecer um paralelo entre a figura do tatuador e a do médico – considerando-se que ambos entram em contato com o corpo da pessoa – sua relação é inteiramente diferente, porque enquanto o médico invade o corpo (Le Breton 1995:178), o tatuador dimensiona o corpo em fun-

ção do sujeito, da sua subjetividade, como uma unidade, o que afeta o ato de tatuar de tal forma que tocar o corpo é tocar o sujeito, a sua intimidade, não apenas orgânica, mas também psíquica.

A aplicação da tatuagem reveste-se de uma áurea de ritualidade: o estúdio, impecavelmente limpo, desinfetado e forrado de papel descartável, sobretudo nas partes que entram em contato com a pessoa durante o momento da tatuagem; o tatuador, com os acessórios clínicos: a máscara e as luvas cirúrgicas; e o cliente na cadeira, geralmente recostado, em uma atitude que denota a disponibilidade de deixar seu corpo sob o controle do "especialista". Assim, nesse ambiente, dá-se início à sessão.

O primeiro passo é a limpeza da área corporal, a depilação do local em que se aplicará a tatuagem. Depois de a área ser assepticamente bem isolada, transfere-se, pela técnica de decalque, na qual se imprimem os contornos do desenho à pele, a imagem escolhida. Sobre essa impressão começa-se a tatuar. O contato aumenta. A máquina penetra o corpo, há brotos de sangue, a injeção de tinta continua sobre os pontos demarcados, ocorrem mudanças constantes, a pele torna-se vermelha, os traços começam a aparecer e, aos poucos, o desenho ganha vida na superfície do corpo.

Mas tudo isso não transcorre só no corpo, na parte física de quem está sendo tatuado; seu ser interior também está sendo afetado. Desde o momento em que a pessoa ingressa no estúdio, uma corrente de sensações começa a fluir dentro dela, com uma intensidade cada vez maior à medida que a agulha perfura seu corpo e a dor começa a se manifestar. É uma forte descarga emotiva que acompanha o ato de ser tatuado e que é vivida e expressa de distintas formas:

Quando você se senta para ser tatuado e você sente, claro, a agulha entrando na sua pele, ocorre uma liberação de adrenalina e de outras drogas do seu corpo que conduzem você a um estado que nenhuma outra possibilidade poderia oferecer-lhe, porque são substâncias naturais que seu próprio corpo libera. Acredito que um pouco disto aconteça, sim: de gostar de sentar, de sentir as agulhas, de fazer o desenho, de passar por aquela dor; é uma dor que para mim não é uma dor negativa, é uma dor que me traz uma satisfação em função do desenho que é criado (Adriano: 40% do corpo tatuado).

Se deixar por mim, todo mês eu faço alguma tatuagem, na verdade, sinto falta. O que eu sinto? Quando acaba, é a maior felicidade do mundo. Eu considero a tatuagem uma terapia, algo que faz bem, porque enquanto você está sendo tatuado, você se esquece do mundo (Sampaio: 70% do corpo tatuado).

Como se pode observar, existem diferentes perspectivas, seguramente relacionadas aos níveis de inserção nesse meio, à quantidade de tatuagens

já feitas, ou ao período de vida que se está atravessando. No entanto, não deixa de ser notório que, em todos eles, o ato de ser tatuado provoca intensas emoções físicas e psicológicas, como o aumento de adrenalina, de endorfina ou de outras substâncias corporais, assim como a manifestação de sensações de felicidade, de relaxamento, que atuam terapeuticamente.

Tentando entender o sentido dessas manifestações emotivas⁶, encontrei uma sugestiva proximidade com o conceito de *flow*, proposto por Csikszentmihalyi e MacAloon, e que consiste basicamente em uma ferramenta teórica para explicar as experiências ocorridas nos jogos e nos esportes, como também nas artes e na religião, e cujo significado é retomado por Turner (1982:55-56, tradução minha):

Flow [fluxo] denota a sensação holística que está presente quando agimos com um envolvimento total [...] um estado no qual uma ação se segue a outra ação de acordo com a lógica interna que parece não necessitar consciência nenhuma de nossa parte [...] experimentamo-la como um fluxo unificado de um momento ao outro, no qual sentimo-nos no controle de nossas ações, e no qual existe pouca distinção entre a pessoa e o ambiente; entre o estímulo e a resposta; ou entre passado, presente e futuro.

Turner (1982) debate a competência teórica desse conceito, afirmando que na perspectiva das sociedades pré-industriais o *flow* seria mais uma qualidade do que um padrão de conduta, enquanto nas sociedades pós-industriais, em que o ritual tem um caráter mais individualista e racional, a experiência *flow* está presente, de uma maneira mais determinante, nos gêneros classificados como ócio, arte, esporte, jogo e passatempo. Essas atividades, além de complexas e diversificadas, ocupam lugares importantes na cultura como espaços de criação e de desenvolvimento social.

Ainda que Turner coloque algumas ressalvas ao uso do conceito *flow* (fundamentalmente no que diz respeito ao tipo de sociedade a que se aplica), também salienta o valor explicativo dessa categoria, especialmente em relação às experiências altamente emotivas vividas em distintas situações e diferentes contextos sociais. Este é, no meu entender, o caso da presente pesquisa, em que a noção de *flow* parece bastante apropriada para compreender o tipo de experiência que envolve o ato de ser tatuado. Ela contribui para a compreensão de algumas características importantes observadas nessa prática como, por exemplo, o fato de a experiência encontrar-se entre a ação-consciência e a inconsciência-ação. Em outros termos, o entendimento de que o ator, apesar de estar consciente do que faz, pode não estar consciente de sua própria consciência, já que sua atenção está centralizada nos estímulos e nas sensações, os quais

se convertem em determinantes da ação (Turner 1982). Provavelmente, essa é a dialética em que vivem aquelas pessoas que estão cobrindo progressivamente seus corpos com tatuagens, grupo cada vez mais numeroso e significativo nessa prática, para o qual a sensação produzida no momento de ser tatuado – provocada pela adrenalina – é essencial a ponto de invadi-los, de abarcá-los completamente, impulsionando-os a seguirem sendo tatuados.

Outra característica desse tipo de experiência é que tende a justificar-se a si própria, não parecendo precisar de metas além dela. Dessa forma, é freqüente encontrar explicações sobre os motivos de ser tatuado e que aludem, simplesmente, à “falta de se sentir a adrenalina funcionando no corpo logo depois de dois ou três meses”. Entram assim essas pessoas na circularidade da emotividade que se autocontempla.

Por último, cabe mencionar um aspecto bastante singular de tal experiência: a perda do ego, como decorrência de um processo pelo qual o *self* começa a diluir-se, a ser irrelevante, pelo fato de o ator encontrar-se totalmente imerso na experiência *flow* e, nesse estado, ter diminuído o seu interesse por entender, por definir qualquer ato, ou mesmo por dirigi-lo (Turner 1982). Se retomarmos os depoimentos anteriormente citados, é evidente que as pessoas, no momento em que estão sendo tatuadas, ficam absortas, concentradas, e são levadas pela emotividade, fundidas na experiência, como bem expressa Sampaio: “Você simplesmente se esquece do mundo” – e eu também acrescentaria, de si mesmo.

Os argumentos acima defendidos sobre a afetividade que se constrói nessa interação, a simbologia que acompanha os distintos momentos e as fortes emoções que se desencadeiam – o *flow* – parecem indicar que o processo de tatuagem é uma experiência *liminóide*, uma forma de ritualidade própria das sociedades contemporâneas que, de acordo com Turner (1982), aparece nas atividades de ócio – a prática da tatuagem aqui entendida como um exercício estético-corporal. Apesar de essas atividades não fazerem parte da centralidade da vida social e de se situarem no terreno da afetividade, da emotividade e do prazer, elas contêm uma importante potência inovadora: são construtoras de subjetividade.

O novo sujeito da tatuagem

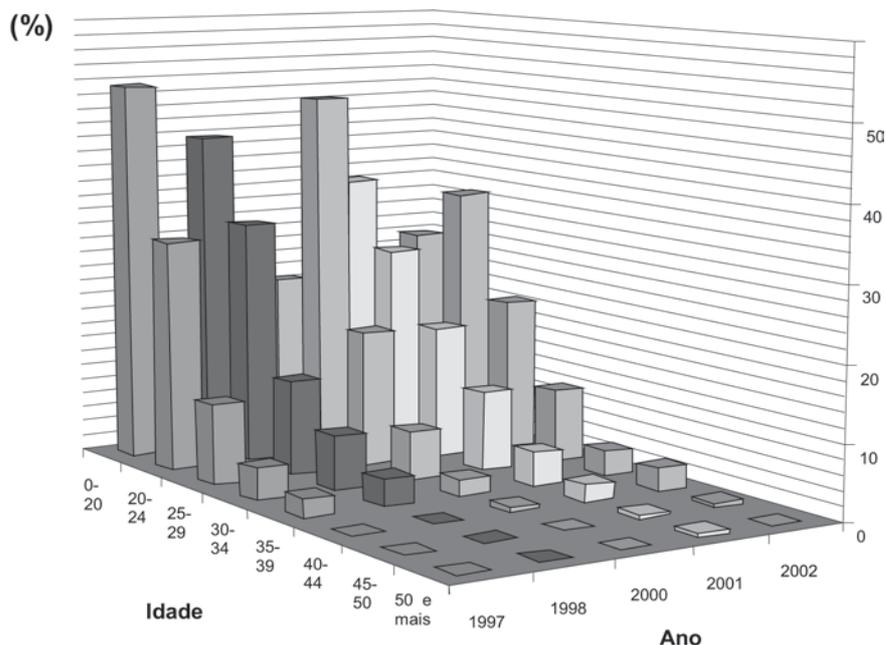
O novo sujeito da tatuagem parece não ter um rosto definido. É múltiplo, diverso, não tem fronteiras de sexo, percorre as diferentes gerações, transita por todas as classes sociais, pertence a distintos níveis educativos, faz diversas atividades, enfim, não possui, como antigamente, um perfil social determinado. Ainda que perdure simbolicamente o sentido de gueto que

identificava a tatuagem com os setores marginais, rebeldes ou de classe baixa, já se quebraram na prática esses limites sociais, especialmente desde o seu ingresso no mundo do mercado, quando se tornou uma das opções estético-corporais acessíveis aos distintos públicos.

Com o propósito de entender o processo de mudança do perfil dos usuários da tatuagem, realizei uma análise retrospectiva – abrangendo o período compreendido entre 1996 e 2002 – dos clientes que acorriam à loja pesquisada. A informação levada em conta foi obtida através dos dados registrados nas fichas dos clientes: sexo, idade, local e tipo de desenho escolhido. Com base nessas informações, delineei alguns aspectos da tendência atual no uso da tatuagem, em especial, no que concerne às características sociais predominantes (idade, gênero) e às preferências de escolha.

As idades da tatuagem

Gráfico 1 – A distribuição da tatuagem por grupo de idade (%)



Fonte: A autora

No gráfico acima, evidenciam-se duas grandes mudanças. De um lado, o significativo aumento, não só numérico, de pessoas pertencentes a faixas etárias mais

avançadas – 15% nos grupos localizados acima dos 25 anos – mas também em termos de cobertura, pois durante esse período o quadro da população estendeu-se pelos grupos dos que estão acima dos 39 anos. Esta mudança está estreitamente relacionada ao processo de comercialização da prática da tatuagem, que amplia as possibilidades de acesso dos distintos públicos. Assim, os usuários da tatuagem deixam de estar concentrados na população juvenil. Agora, distribuem-se por diversas idades e procedências. Dessa forma, encontram-se desde os antigos amantes da tatuagem – aqueles jovens que foram tatuados na década de 70 e que, com a nova dinâmica, entusiasmaram-se para serem outra vez tatuados – e os que ingressaram no novo contexto da tatuagem e continuaram usuários, além daqueles adultos mais velhos que optaram por essa prática nos últimos anos. Este é o caso de João, que aos 50 anos decide-se pela primeira vez: “Eu sempre quis ter minha tatuagem, e agora surgiu essa oportunidade, vou fazer no braço um índio americano, o desenho é lindo, eu o escolhi porque anos atrás o vi numa revista, gostei e o guardei no coração” (João, depoimento colhido em 2003).

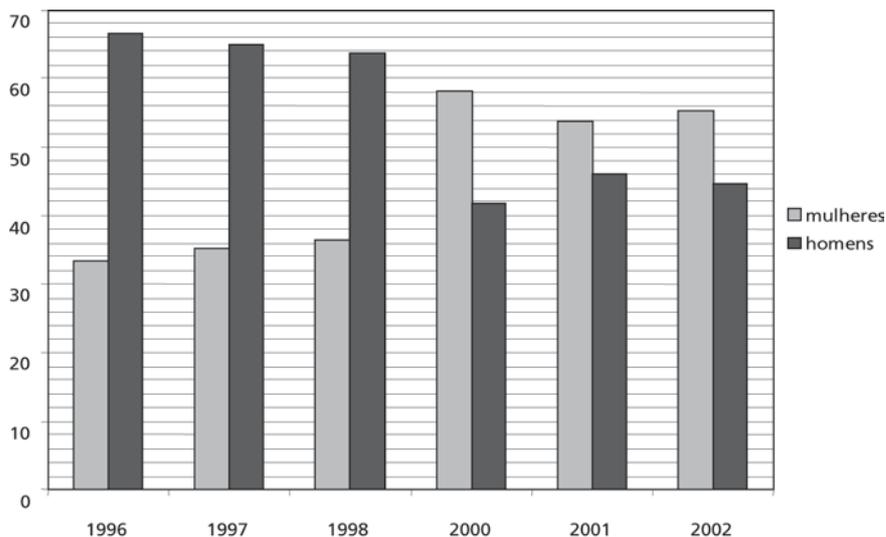
A outra grande mudança que se detecta neste gráfico é a notória redução no grupo dos menores de idade adeptos do uso da tatuagem: de 52% em 1997 para somente 27% em 2002. A diminuição foi progressiva durante esses anos e está relacionada a dois fatores: o ingresso de novos grupos de idade e sua redistribuição no quadro geral, e a expedição de normas relativas à prática e de medidas de controle que impediam a realização de tatuagens em menores de idade sem a autorização escrita dos pais.

De acordo com os dados acima apresentados, pode-se afirmar que a tendência na distribuição dos grupos de idades é manter uma certa estabilidade no setor dos adultos jovens – entre os 20 e 30 anos – com probabilidade de crescimento nas faixas etárias mais avançadas e de decréscimo naquela onde se situam os menores de idade.

O problema do gênero

Como se pode observar no gráfico 2 (na página seguinte), a correlação de sexos mudou radicalmente durante esse espaço de tempo. De uma marcada predominância do sexo masculino – mais de 60% – passou-se não só a um maior equilíbrio, mas até mesmo à supremacia do sexo feminino. O que aconteceu? Por que mudou esse perfil?

Para compreender a transição, é importante lembrar que, do ponto de vista histórico, a prática da tatuagem era basicamente restrita ao setor masculino – marinheiros, presos, motoqueiros etc. – e como tal, vinculada a valores associados culturalmente à masculinidade, como coragem, agressi-

Gráfico 2 – Distribuição das pessoas tatuadas por sexo (%)

Fonte: A autora

vidade, força, entre outros. No entanto, o ingresso dessa prática no mundo do mercado fez com que se começassem a neutralizar essas distinções e identidades, tentando-se impor, em seu lugar, o critério universal do consumidor, o qual abrange todo o tipo de público. A tatuagem entrou, assim, em um acelerado processo de desmasculinização, que afetou profundamente a relação de gênero existente. Em pouco tempo, as mulheres irromperam no novo contexto e, mais do que isso, posicionaram-se como tendência dominante, como primeiras consumidoras.

Outros aspectos estreitamente vinculados ao problema de gênero são o tipo de escolhas que são feitas em relação ao local da tatuagem e ao desenho. Essas escolhas estão orientadas fundamentalmente pelos padrões sexuais. No caso das mulheres, suas preferências quanto aos locais do corpo são a parte baixa das costas, seguida pelo pescoço, a canela, o quadril e a barriga e, em proporções menores, os braços, o peito e o tornozelo. Em contrapartida, os homens inclinam-se a tatuar os braços, seguidos pelas costas e a canela e, em quantidade menor, o peito, o antebraço e o pescoço.

Estas diferenças expressam a forma como se percebe o corpo, com base em parâmetros referentes ao "feminino" e ao "masculino", marcando limites e transmitindo valores. O corpo é uma construção cultural e, como tal, sinalizado, fragmentado e sexualizado em cada uma de suas partes. Assim, por exemplo, a parte baixa das costas, o quadril e o pescoço – locais

preferidos, como vimos, pelas mulheres – são considerados áreas de especial conotação erótica feminina, adornados e exibidos como formas de atração sexual. Já no caso dos homens, os braços e as costas são relacionados à força e à virilidade, atributos dominantes da masculinidade.

As escolhas dos desenhos mostram igualmente a prevalência dos padrões femininos e masculinos. Só que neste caso recria-se outra dimensão simbólica da dicotomia, não tão ligada ao erotismo como nas escolhas dos locais do corpo, mas às qualidades de comportamento. Assim, além dos desenhos tribais⁷ que predominam nos dois sexos, as mulheres inclinam-se por motivos como corações, flores, borboletas, golfinhos, anjos etc., que representam os valores femininos associados ao delicado e ao terno, enquanto os homens escolhem motivos de índios, animais selvagens e/ou mitológicos, caveiras, crânios e outros, que vinculam o ser masculino a valores ligados à valentia, à agressividade, à rudeza e à força.

Em síntese, pode-se dizer que as preferências nas escolhas tanto dos locais quanto dos tipos de desenho estão demarcadas pelos universos do feminino e do masculino, que atuam como referentes culturais ou "*habitus* da escolha". Esses hábitos não se originam do acaso nem da natureza biológica do corpo da mulher ou do homem, mas indicam uma relação de gênero que é construída culturalmente e que, de acordo com Bourdieu (1995:133), está "inscrita há milênios na objetividade das estruturas sociais e na subjetividade das estruturas mentais".

O sentido de ser tatuado

Como objeto de representação e de identidade do indivíduo⁸, o corpo ocupa um lugar central nas sociedades ocidentais. É o "recinto objetivo da soberania do sujeito" e, como tal, um fator fundamental na construção de sua subjetividade. Nesse sentido, as modificações corporais podem ser entendidas como formas pelas quais os sujeitos revelam sua presença no mundo, são tipos de assinaturas de si mesmos e que ajudam a afirmar a sua singularidade (Le Breton 2002:165).

Ser tatuado é, portanto, um caminho de construção da subjetividade – de inscrever nos corpos algo que diferencia e identifica. Em princípio, esse é o sentido geral. Mas aqui interessa compreender o tipo de subjetividade que atualmente se está forjando por meio dessa prática corporal que, como vimos, tem variado nos distintos contextos sociais. Nos ambientes carcerários, por exemplo, a tatuagem reforçava a condição de marginalidade dos indivíduos. Já para os jovens dos anos 60 e 70 era um dos meios de expressar rebeldia

social. Hoje em dia, seu significado depende das formas de usar e de exibir as tatuagens, entrando em jogo aspectos como a quantidade de tatuagens, tamanhos, locais escolhidos, a maneira de portá-las, de mostrá-las ou de escondê-las, entre outros.

Embora pareça difícil – em meio à diversidade existente de interesses e objetivos por parte de quem é tatuado – diferenciar os tipos de subjetividade que ali se apresentam, observei algumas tendências reconhecidas pelos usuários, que denotam um interessante jogo de identificações e diferenciações. Assim, vamos encontrar: os de “**detalhe**”, que usam tatuagens pequenas e discretas, tidas como “complementos ou acessórios, uma coisa que não tem um peso nem um comprometimento muito grande” (Mano, depoimento colhido em 2002); os “**radicais**”, que tendem a tatuar todo o corpo, inclusive aquelas partes consideradas tabus, como o rosto, as mãos e os antebraços e, além disso, praticam outros tipos de modificações corporais bastante extremas: “eles alteram o corpo e não tem retorno, fazem implantes, *brandings*, escarificação, gostam da dor, eles provocam um impacto grande para ostentarem o que fazem” (Fabrício, depoimento colhido em 2002); e os “**tatuados**”, aqueles que, embora tenham grandes áreas corporais tatuadas, diferenciam-se dos anteriores por não levarem ao extremo as modificações corporais, mantendo, em conseqüência, formas de “discrção” em seu entorno social: “levamos uma vida normal, com família, nossos filhos vão para o colégio, mas gostamos de arte, o que fazemos? Enchemos o corpo de arte, mas onde a roupa cubra, onde a gente possa se expor para quem merece ver, não para que a gente seja sempre discriminado” (depoimento de Gêsa).

Se se analisam essas formas contemporâneas de uso da tatuagem nas categorias que eles mesmos delimitam, pode-se pensar em vias diferenciadas de construção subjetiva, que expressam não só um sentido de identificação pessoal, mas também a forma como eles se posicionam no entorno social mais próximo, no mundo da tatuagem e, de maneira geral, na sociedade.

Os “tatuados”: uma nova construção subjetiva

Desde os primeiros contatos com clientes da loja pesquisada, chamou-me a atenção um grupo que, apesar de manter uma interação social não diferenciada, tinha uma particularidade bem marcada: essas pessoas estavam “fechando seus corpos com tatuagens” – um fato que não é habitual nas práticas corporais de nossa sociedade e que, portanto, gerava muitas interrogações, sobretudo quando comecei a constatar que não eram casos isolados, mas parte de uma tendência que se manifestava não somente nos indivíduos

em processos avançados de “fechamento corporal”, mas também naqueles jovens que, com apenas algumas tatuagens, já estavam ingressando nessa nova dinâmica de construção corporal. É o caso de André, um rapaz que conheci no começo da pesquisa com uma só tatuagem e que, ao final de minha investigação, tinha mais de três tatuagens, além de vários projetos para o futuro: “Com certeza vou fazer mais tatuagens; na perna esquerda, uma rainha, vou fazer uma outra máscara [...] e assim pela frente, não sei se vou fechar o corpo, mas os braços e as pernas acredito que sim (depoimento de André, 22 anos).

Essa tendência cria outro tipo de “normalidade” estética, outra forma de assumir o corpo, sem que os sujeitos pretendam com isso ser excluídos ou marcados como marginais. É simplesmente a vontade de serem diferentes em um marco social estabelecido, sem quererem transgredir ou romper com a sociedade. Por isso, ainda que se comprometam com tal opção corporal, eles continuam mantendo o jogo de esconder-se ou de mostrar-se, segundo as circunstâncias.

Nesse sentido, eles seguem sendo um tipo de “desacreditáveis”, isto é, os que podem fazer “[...] manipulação de informação sobre seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir – e em cada caso a quem, como, quando e onde” (Goffman 1978:51). Nenhum deles desconhece o estigma social que ainda reveste a tatuagem, apesar das mudanças ocorridas como aqui assinalei e, portanto, seguem uma série de medidas de cuidado para evitarem os possíveis choques sociais. Em especial, têm uma espécie de regra tácita: não serem tatuados nas partes mais visíveis, como o rosto e as mãos, pois o resto do corpo pode ser coberto com roupa, mantendo-se, assim, oculto.

Desse modo, existe uma tensão latente entre ser “tatuado” e continuar sendo um cidadão produtivo e não excluído, entre querer ser diferente e não ser rejeitado pela sociedade. Uma tensão que subjaz aos preconceitos e aos limites sociais que as pessoas confrontam por meio de sua corporalidade e da busca da individualidade.

Com todas essas limitações, cabe perguntar: que sentido tem ser tatuado? Por que assumem tal tipo de modificação corporal ainda perpassada pelo estigma social? Como ponto de partida, pode-se dizer que o ato de ser tatuado tem para eles um significado essencial: diferenciar-se, sair da multidão, ter algo que os singularize, que lhes permita destacar-se do grupo social a que pertencem.

Existem também outros fatores que cumprem um papel decisivo. Entre estes, o componente emocional que acompanha o ato, entendido por eles como “sentir vontade”. Essa sensação é bastante forte, quase incontrolável,

e os impulsiona a seguirem buscando novas tatuagens: "Tatuagem faz falta, tem-se vontade de tatuar, é um negócio quase animal...".

Almeida (2001) explica tal fenômeno como uma tendência impulsiva, difícil de ser contida após a primeira tatuagem, pois se torna uma "vontade incontrolável que costuma assolar os tatuados". Vontade que só é contida pela pressão social, pelas limitações das opções profissionais, ou pelo temor que sentem de "acabarem [se deixando] tatuar inteiramente". Portanto, argumenta a autora, apresenta-se "uma modalidade de tentação tão forte que não oferece ao sujeito outra saída que não o rompimento físico com o grupo de tatuados do qual ele faz parte" (Almeida 2001:9-10).

Sem pretender entrar no debate que envolve essa perspectiva conceitual, gostaria de fazer umas ponderações. Primeiro, que reduzir esse fenômeno à noção de impulso, como força inata que determina a ação humana, seria desconhecer fatores fundamentais que fazem parte do devir social, como o contexto, o processo, a interação, entre outros, que estão presentes, como venho sustentando, no processo de ser tatuado. Segundo, que o sentido dado por Almeida (2001) ao "impulso de ser tatuado" termina sendo reduzido a uma "tentação" perigosa que causa temor, e da qual o indivíduo tem de se proteger. Essa valoração parece-me demasiado taxativa, sem opções e impregnada de um certo preconceito diante da possibilidade do "fechamento corporal" com tatuagens. Será que não existem escolhas intencionadas? Será que optar pela tatuagem (de forma progressiva) converte-se em um vício diante do qual não resta outra alternativa senão fugir, assim como afirma Almeida?

O certo é que não é fácil pensar em outra opção, porque evidentemente o tatuado depara-se com um impulso que parece não ter explicação além dele mesmo. Minha hipótese é a de que o ato de ser tatuado passa a constituir uma necessidade, uma vontade, desde o momento em que o indivíduo se envolve nessa prática que toca, afeta e muda o seu ser. Esse envolvimento não se dá unicamente no momento da tatuagem, mas é vivido em todo o processo: no contato com o tatuador, nos laços afetivos que se criam, na reflexão que se produz em torno da escolha, nas intensas sensações vividas – o *flow* – tudo o que faz desse ato uma experiência altamente significativa que, no meu conceito, ajuda a desvelar o sujeito, a construí-lo.

Sendo assim, e lembrando o sentido ritual – *liminóide* – que propus para esse ato, não se poderia afirmar que se deixar tatuar reveste-se de um certo sentido religioso? Acredito que sim, no entanto, na perspectiva que coloca D'Allondans (2001:122, tradução minha), como um tipo de religião pessoal:

A crise cultural e religiosa da sociedade ocidental explica em parte as buscas mais íntimas de sentido. Ainda que não se reconheça em forma massiva nas

instituições e igrejas, o sujeito moderno constrói, cada vez mais freqüentemente, uma religião pessoal, em um processo sincrético no qual se fazem visíveis diversas situações combinatórias marcadas pelo acaso.

Essa busca de "sentido íntimo" é o que leva o sujeito a escolher, entre as múltiplas opções que a sociedade oferece, a tatuagem. Nesse sentido, ela cumpriria um papel similar ao da religião, ou seja, de proporcionar ao indivíduo, tal como observa D'Allondans (2001), um pouco mais de sentido à dificuldade de existir, um sentido que faz do corpo o seu próprio ícone.

Quando nos aproximamos do mundo dos "tatuados", o propósito de sua iconografia corporal torna-se uma questão fundamental. Com diferentes estilos – coloridos ou escuros, cheios de figuras, de rostos, de imagens mitológicas, de formas abstratas, de seres encantados – os corpos dos tatuados são esculturas vivas, nos quais está gravado o rastro íntimo e pessoal de cada sujeito. Através do tempo e de suas próprias vidas, como uma elaboração incessante, os corpos vão sintetizando o processo de busca e de construção de si mesmos.

Como entender a trama de imagens? Como encontrar os fios de sua construção? Inicialmente, no caso em questão, acreditava eu que indagar sobre os motivos que levavam os "tatuados" a escolherem determinados desenhos poderia ser a chave para compreender seu sentido. Todavia, as respostas não foram muito esclarecedoras: "porque gostei", "porque achei bonita", "é aquela história de você bater o olho e dizer: é isso o que eu quero!".

A escolha parecia estar orientada por critérios meramente estéticos. Assim o confirmava a bibliografia revisada. Sanders, por exemplo, nos anos 1980, registrou tal tendência e dizia que a maioria dos tatuados por ele investigados fez referência a esse critério na sua escolha (Sanders 1988:411). Alguns estudos mais recentes, como o realizado por Almeida, explicam o fenômeno como um "movimento pragmático, mecânico, impulsivo. O que está em jogo entre o mundo e o sujeito é puramente o prazer da imaginação estética" (Almeida 2001:9). De sua parte, David Le Breton (2002:106) afirma: "A escolha de um motivo responde freqüentemente a um impulso não racional por um desenho ou uma forma sem que seu simbolismo seja conhecido ou interrogado. O valor estético predomina sobre qualquer outra consideração".

Assim, parece evidente que a escolha é definida somente pelo valor estético da imagem. Mas o que significa isso em termos do processo subjetivo? O lúdico, o prazer e a estética seriam fios de construção do sujeito? A experiência etnográfica mostrava-me que existem outros elementos para pensar o problema, de modo que comecei a aprofundar-me nas seguintes direções: o significado do gosto pessoal, a relação entre as imagens escolhi-

das e o sujeito, a construção dessa imagem pela interação com o tatuador e o processo de reconstrução das tatuagens.

Se inicialmente é o prazer dos sentidos – em especial a visão – o que está determinando a escolha, é preciso levar em conta que não se lida somente com uma sensação agradável, mas também com a fixação em algo, em uma certa idéia. E a focalização nessa idéia traz a possibilidade de se estabelecer um nexo, uma identificação com o mundo externo, um referente de sentido ligado à emoção, à experiência sensível, aspectos que não são vazios de significado e que permitem elaborar um reconhecimento de si mesmo e do entorno social em que se vive.

Como registra Berger (1972), as imagens estão carregadas de sentido, tanto pessoal como socialmente, só que expressas em outra linguagem – a visual – a qual coloca em jogo o modo de ver que está incorporado em toda a representação, assim como a apreciação individual, implícita na própria forma de ver o mundo.

Então, para entender o sentido do repertório de imagens escolhido pelos sujeitos que se tatuam, há que se pensar na linguagem moderna da tatuagem mais do que nos conteúdos, como antigamente se fazia; na qualidade artística da imagem – atribuindo, portanto, importante valor a aspectos como a forma, a plasticidade das imagens, o manejo da luz e da sombra, o tipo de traços, a nitidez, as cores etc. Ao mesmo tempo, tais elementos não eliminam o processo de construção de sentido sobre as imagens porque, de um lado, a tatuagem continua possuindo um patrimônio iconográfico e simbólico comum (reproduzido por distintos meios, como os catálogos, as revistas, os sites de internet, entre outros) que atua como base de referência; de outro lado, porque cada pessoa está recriando esse simbolismo de acordo com os seus próprios critérios e as formas de interpretação do mundo.

O que foi acima exposto pode ser melhor entendido por intermédio da descrição de um caso concreto, como o de Fabrício, um jovem que tatuou em seu corpo, há vários anos, um coração sagrado. Essa imagem é um ícone antigo, amplamente reconhecido no meio da tatuagem, trabalhado na linguagem moderna que tem como base o estilo *new school*, que se caracteriza por uma maior expressividade das imagens, pelo exagero de seus traços e pela maior intensidade de suas cores. Assim, o desenho final apresenta novidades, como a coroa celta, as cores vivas, o fato de estar partido entre coração e pedra, gerando uma nova representação desse motivo. Fabrício considera ser este um dos desenhos mais artísticos que possui. E quando lhe perguntei o sentido que tinha para ele, disse: “Gostei desta idéia porque está ligada à minha família, à religião católica e, ainda, que eu sou desligado; a gente tem cultura e tem na mente estas idéias”. Como se pode observar,

existe aqui um simbolismo social amplo, ligado à religião, mas fazendo parte de um significado pessoal, relacionado à afetividade familiar e ao seu pertencimento a ela.

Em relação ao processo de construção da imagem, é importante ressaltar o papel do tatuador. Ele atua como “mediador do *self*”, uma vez que ajuda a pessoa a definir-se, a traduzir em imagens seus gostos e idéias pessoais. Essa relação torna-se ainda mais forte e íntima com o grupo dos “tatuados”, pois geralmente tatuador e tatuados terminam convertendo-se em amigos e juntos fazem planos, procuram idéias, criam propostas, em um processo de interação que ajuda a desvelar as buscas do sujeito, a expressá-las e a colocá-las a partir de um novo marco interpretativo.

Finalmente, há um momento que é importante destacar, porque possibilita uma nova margem de introspeção por parte do sujeito: é quando a tatuagem já está feita. Nessa situação, a pessoa se vê obrigada a construir um conjunto de associações – uma história – para tentar explicar e/ou justificar o sentido da imagem escolhida. Ela sabe que gosta de sua tatuagem, que a acha bonita, mas isso não é suficiente, pois também necessita inseri-la em seu universo de significação, por ela própria e pelos demais que lhe pedem uma explicação. A tatuagem não passa despercebida, está em seu corpo, é olhada, é objeto de especulação. É preciso traduzi-la, criar uma metáfora em torno dela, simples ou complexa, mas que tenha algum valor comunicativo. E é então que se produz uma forma de revelação ao sujeito: a de encontro de sentido, de vínculos que vêm à superfície, de associações que permitem identificar facetas de si mesmo, da relevância e do lugar que tal experiência tem em sua vida.

Uma boa ilustração desse tipo de processo de reconstrução é a história da última tatuagem de Adriano: umas pimentas grandes, vermelhas, localizadas em uma ampla área de seu antebraço, e que ele explica da seguinte forma: “Na verdade, eu sempre gostei de pimenta, sempre gostei do sabor, mas também pelo que ela representa, por ser um tempero nobre, por ter uma característica vermelha de vida”. Tudo parecia claro, mas eu queria aprofundar essa explicação um tanto sofisticada. Então, perguntei-lhe se essas razões eram as que tinham motivado sua escolha e ele disse: “Na verdade, eu olhei uma revista e falei para o Mano: ‘eu quero esse desenho assim’”. Essa segunda explicação deixou em evidência que a causa inicial foi o gosto, o impacto visual da imagem e, logo depois, veio a construção explicativa. Ao refletirmos sobre esse assunto, Adriano concluiu: “Acontece esse processo visual de captação e acredito que a partir desse momento acontece uma construção, até porque as pessoas perguntam: por que fez esse desenho?”. Entendo que, ao responderem, Adriano e outros avançam

no processo de construção de sua subjetividade. Nesses casos, acreditam que o impacto visual e o estético que motivaram a escolha têm relação com o seu eu profundo, trazendo-o à tona.

Até aqui tenho feito uma análise parcial, centrada na singularidade das tatuagens escolhidas. Agora é necessário olhar o conjunto: a corporalidade em sua totalidade, visto que os "tatuados" estão em um projeto de construção corporal, e meu interesse é entender como essa trama de imagens, espalhada por seus corpos, começa a estender-se e a cobrir toda a sua pele.

O processo de "fechamento corporal" não conta com parâmetros específicos nem com formatos comuns; cada pessoa vai sendo tatuada de acordo com o seu ritmo, com seu próprio estilo, em distintas escalas e proporções e, em conseqüência, chegando a diversos resultados finais. Esta é, em síntese, uma construção iconográfica totalmente pessoal e original.

Alguns autores, como Catherine Grogard (1992), preocupados com a construção artística do corpo, afirmam que os tatuados se convertem em um tipo de espetáculo de circo pela forma como se exibem, pela falta de critério na escolha dos desenhos e, sobretudo, pela maneira com a qual se distribuem e se enlaçam as distintas imagens, sem nenhuma ordem temática, à mercê de qualquer imaginação, tendo como resultado final: "[...] o amontoado heteróclito de reproduções em série sobre a pele – verdadeiros decalques onde se enlaçam sereias e dragões [...] produzem uma criação extravagante ou cômica" (Grogard 1992:29).

Até aqui, através dessa perspectiva, os corpos dos tatuados são vistos como "criações extravagantes", as quais denotam, por um lado, um certo preconceito pela profanação do corpo e, por outro, a busca de uma ordem estética que obedeça aos parâmetros da arte reconhecida pelo *status quo*. Justamente neste aspecto, os "tatuados" são altamente subversivos, irreverentes, inovadores, propulsores de uma nova alternativa de construção estética corporal fora dos critérios aceitos socialmente. Isto não quer dizer que careçam de juízo estético, mas que apenas estão em uma fase experimental, inventando uma linguagem expressiva cujo laboratório de prova são os seus próprios corpos.

Assim, na maioria dos casos, com o passar do tempo, ocorre uma mudança visível do estilo, da forma e mesmo da perspectiva de ser tatuado. No começo, quando há um precário conhecimento dessa arte, os desenhos são feitos sem muita preocupação com a qualidade técnica, não sendo levados em consideração aspectos como a localização corporal, a sua composição e a articulação entre eles. Depois que os tatuados vão adquirindo um maior domínio dessa linguagem e começam a assumir a tatuagem como um projeto corporal e de vida, desenvolvem um olhar crítico que os leva a retocar ou a recobrir muitos dos trabalhos antigos que consideram de má qualidade.

Nesse processo vivencial, surge a noção de projeto corporal, fundamental porque redireciona todo o sentido de ser tatuado. Já não é um ato isolado fazer uma tatuagem, mas a expressão da visão do corpo como uma totalidade, o ato de traçar metas, ter idéias futuras, fazer planos. O corpo passa a ser concebido como uma unidade, pensado em termos de composição e harmonia, e no qual os desenhos deixam de estar soltos e espalhados e ingressam em uma dinâmica que os une e os articula ao conjunto corporal:

Eu acredito que a construção tenha vindo a partir das discussões que eu tive com o meu tatuador, e junto com outras pessoas. A partir do momento em que eu fiz duas tatuagens na perna, e que ficaram soltas, e que me foi sugerida a possibilidade de fazer um fundo para que os desenhos se unissem, deu-se início à construção (Adriano, depoimento colhido em 2003).

Finalmente, os argumentos acima nos levam a entender a tatuagem como uma construção na qual se englobam, em uma perspectiva de projeto, as expectativas e os planos futuros dos tatuados e também, em um sentido retrospectivo, a reconstrução de suas histórias pessoais. Esta última começou a ser evidente quando eles, com base nas imagens gravadas em sua pele, desenvolveram uma rica narrativa de episódios, vivências, referências afetivas e emotivas em que a personagem central eram eles mesmos, como uma forma de recriar o próprio imaginário e de transcender no mundo.

Como se pode observar, as duas dimensões abordadas – os projetos e as histórias – estão presentes, impressas na pele, e como tal têm a força do vital, daquilo que se pode ver, tocar, sentir e vivenciar. Os projetos não são apenas abstrações, mas formas capazes de serem corporificadas, assim como seus imaginários pessoais que se atualizam permanentemente nas páginas de seus corpos. Nesse sentido, o ato de ser tatuado pode ser compreendido como um processo de construção corporal e vivencial.

Considerações finais

Nesta pesquisa, o olhar privilegiou a prática, entendida do ponto de vista de Ortner (1984), como um “mundo social em construção” em que cumprem papel determinante as ações, as experiências, os processos e os sujeitos. Por meio desse enfoque, a análise tentou abarcar as distintas dimensões postas em jogo durante o processo de tatuagem, tais como o novo imaginário que enaltece o valor do corpo e da estética, ao qual procuram aderir os modernos estúdios de tatuagem; o mundo afetivo criado em torno dessa prática, espe-

cialmente na relação tatuador/tatuado que reforça os vínculos com o meio; as fortes experiências emotivas que se desencadeiam no ato e que estimulam o desenvolvimento da dinâmica e da sua continuidade; as próprias buscas pessoais – diferenciação, identidade, satisfação etc. – que fazem desse tipo de arte uma opção corporal e de vida.

Dessa forma, considerou-se a tatuagem como uma totalidade em que as dimensões individual e social são partes constitutivas do processo de ser tatuado. A ótica é polêmica quando comparada aos estudos predominantes nessa área, os quais enfatizam o problema do significado das modificações corporais tomando como ponto de partida os sujeitos. Assim, a tatuagem é compreendida como um ato relacionado essencialmente às necessidades da pessoa: a busca de diferenciação e identidade (Le Breton 2002; Sanders 1998), a procura de sentido íntimo (D'Allondans 2001) ou a manifestação de vontade incontrolável (Almeida 2001). Entende-se serem tais elementos fundamentais para a reflexão, mas restringem o campo de análise ao deixarem de fora os aspectos sociais.

O que me parece controvertido nas abordagens acima referidas é o fato de estas considerarem a tatuagem como mera expressão estética e, como tal, excluída de um movimento “que parte de dentro para fora, procurando estampar aquilo que estaria restrito à esfera de um *self* autônomo, privado e reflexivo” (Almeida 2001:13). Aqui novamente se fragmenta o sujeito em dois universos dicotômicos: o emotivo/ superficial e o reflexivo/profundo. A polarização empobrece, em meu conceito, a compreensão deste fenômeno porque, apesar de a tatuagem estar estreitamente vinculada ao mundo emotivo do indivíduo, não significa que esta seja a única esfera que aí entra em jogo. Aprofundando os dados da pesquisa, verifiquei que, embora os impulsos atuem como formas de motivação no ato de tatuar-se, também existem significativos momentos de reflexão, como aquela desencadeada pela interação entre tatuador e tatuado, o que propicia o esclarecimento das “idéias da tatuagem” e, por intermédio delas, dos gostos, das preferências, do mundo interno daquele que é tatuado. Isto ocorre também em momentos posteriores à realização da tatuagem, quando a pessoa recria sua corporalidade e a verbaliza, dando lugar a desvelamentos e a descobertas de si mesma. Nesse sentido, pode-se afirmar que os eventos emotivos transformam-se em atos reflexivos, ou o seu inverso, quando as atitudes reflexivas precedem o ato de ser tatuado, por exemplo, no caso dos que pertencem à categoria que aqui denominei de “tatuados”. Estes possuem projetos de construção corporal, pensados e planejados como parte de um processo vivencial, autônomo e subjetivo.

Finalmente, diante do que aqui foi exposto, proponho pensar a subjetividade que se constitui na prática da tatuagem como um processo aberto,

fluido, dinâmico, que se constrói na interface das buscas individuais e dos processos de interação instituídos no ato de ser tatuado, entre o desfrute estético e a construção de sentido íntimo, entre o ser interno reflexivo e os impulsos emocionais, como um movimento dialético e inovador.

Recebido em 05 de julho de 2005

Aprovado em 06 de outubro de 2005

Andrea Lissett Pérez é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: <andreaperez71@hotmail.com>

Notas

¹ O presente artigo é uma versão modificada de minha dissertação de mestrado: Tatuar e ser tatuado: Etnografia da prática contemporânea da tatuagem. Estúdio Art Tattoo (Florianópolis), apresentada em agosto de 2003 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. Agradeço especialmente a Christiane Ott Mayer por sua valiosa colaboração na documentação fotográfica.

Aqui só se retoma o processo de "redescoberta" da tatuagem pois, como assinala Marques (1997), sua prática teve distintas manifestações no mundo Ocidental, sendo abolida na Idade Média, por obra do cristianismo. Quando se fala dos inícios dessa prática, deve-se compreender, portanto, que se faz referência à época da Modernidade, na qual se difunde esta arte corporal.

¹ Tive a oportunidade de entrevistar vários desses tatuadores durante a Convenção Internacional de Tatuagem de São Paulo, em 2003, na qual estive presente em companhia dos donos da loja pesquisada.

² Ao longo deste artigo, utilizaram-se depoimentos dos donos da loja pesquisada – Gêsa, encarregada do atendimento e da esterilização, e Mano, o tatuador – assim como de vários clientes – Ricardo, Sampaio, Fabrício, Adriano, Silvana e Luciana.

³ Outro aspecto que se deve ter em conta na análise do novo contexto da tatuagem é o relacionado à saúde, já que a manipulação do corpo e de substâncias, como o sangue, faz com que essa prática se converta em objeto de vigilância e controle sanitários, especialmente hoje em dia, em função da possibilidade de contágio da AIDS. Apesar disto, no Brasil, as medidas de controle e continuidade do exercício desta prática são bastante recentes e têm pouca efetividade na prática. O primeiro

regimento regulamentar foi emitido no ano de 1992, pelo Centro de Vigilância Sanitária de São Paulo, Portaria CVS-13 de 7-8-92. Os outros estados brasileiros estão apenas começando a fazer o seu próprio regimento.

⁴ Este procedimento varia de acordo com o tipo de tatuagem. Se é “comercial”, como no caso de Adriano, o desenho já está pronto (em catálogos, revistas ou qualquer material impresso) e só precisa ser calcado na pele. Mas se é uma tatuagem de “criação”, o tatuador tem de elaborar o desenho a partir das “idéias” previamente discutidas com o cliente e, com base nessas noções, proceder à prova sobre a pele, desenhando com canetas, de modo experimental, apagando ou refazendo, até que haja satisfação de ambas as partes e se defina a forma final do trabalho.

⁵ As expressões emotivas são observadas por vários autores que têm realizado pesquisas sobre a tatuagem e outras formas de modificação corporal, entre eles, Sanders (1988:417), Almeida (2001:10), Sweetman (1999:171) e Le Breton (2002:136). Particularmente, gostaria de ressaltar o trabalho de Paul Sweetman, o qual dá uma especial ênfase à intensidade dessa experiência emotiva: “Como conseqüência do processo inicial ou da sensação de prazer subsequente, determinados modificadores do corpo consideram a aquisição de uma tatuagem ou de um piercing novo como uma experiência catártica, mostrando outra vez que, para alguns, a fisicalidade necessária do processo é a chave de sua motivação total” (Sweetman 1999:171).

⁶ Existe uma clara preferência pelos desenhos tribais, tanto pelas mulheres quanto pelos homens, representando cerca de 30% de suas escolhas. Os desenhos tribais são imagens inspiradas nas tatuagens de distintos povos aborígenes, especialmente dos Maori. Caracterizam-se por terem um estilo monocromático, não-figurativo, composto por arabescos que configuram diferentes movimentos e formas. Como afirma Célia Ramos, “são desenhos que não só se adaptam a qualquer corpo como a qualquer tempo” (Ramos 2001:169). Esta é uma bela metáfora que ajuda a compreender sua passagem através da história e das culturas, com períodos em que ficaram esquecidos e outros em que ganharam prestígio, tal como ocorreu nos anos 1980 quando viraram moda.

⁷ O corpo começou a ser objeto de reflexão antropológica a partir dos estudos da escola francesa, particularmente os de Robert Hertz (1928) e os de Marcel Mauss (1991), cujos valiosos aportes teóricos mostram o corpo como uma construção social, moldado pelas técnicas e pelos hábitos de cada sociedade. Seguindo esta linha, têm-se realizado muitos estudos teóricos e etnográficos que acrescentam e aprofundam o conhecimento sobre as diversas formas de conceber e construir a corporalidade. No Brasil, o estudo de Seeger, DaMatta e Viveiros de Castro (1979) marca um importante passo nessa busca conceitual. Estes autores propõem as noções de corporalidade e de pessoa como princípios de organização social, como “matriz de significados sociais e objeto de significação social” (Seeger, DaMatta, Viveiros de Castro 1979:10), que ordenam a vida social e simbólica das sociedades indígenas da América do Sul. Nas sociedades ocidentais, o corpo também ocupa um lugar central, só que visto de outra perspectiva. Mais que “matriz de significação social”, o corpo constitui-se em fator de individualização (Le Breton 1995).

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. 2001. "Tatuagem e subjetividade: reflexões em torno do imaginário da epiderme". *Interseções. Revista de Estudos Interdisciplinares*, 3(1):91-109.
- BERGER, John. 1972. *Modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOURDIEU, Pierre. 1995. "A dominação masculina". *Educação e Realidade*, 20(2):133-184.
- D'ALLONDANS, Thierry G. 2001. "Le tatouage, entre lien et séparation". *Histoire et Anthropologie*, 23:115-128.
- DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- FALK, Pasi. 1995. "Written in the flesh". *Body & Society*, 1(1):95-105.
- GOFFMAN, Erving. 1975. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Vozes.
- _____. *Estigma*. 1978. Rio de Janeiro: Zahar.
- GROGNARD, Catherine. 1992. *Tatouages. Tags à l'âme*. Paris: Syros Alternatives.
- HERTZ, Robert. 1928. "La prééminence de la main droite". In: *Mélanges de sociologie religieuse et de folklore*. Paris: Librairie Félix Alcan. pp. 131-194.
- LE BRETON, David. 1995. *Antropología del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- _____. 2002. *Signes d'identité. Tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris: Métailié.
- MARQUES, Toni. 1997. *O Brasil tatuado e outros mundos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- MAUSS, Marcel. 1991. *As técnicas corporais. Sociologia e antropologia*. Madrid: Tecnos.
- ORTNER, Sherry. 1984. "Theory in anthropology since the sixties". In: N. Dirks; G. Eley e S. Ortner (orgs.), *Culture, power, history: a reader in contemporary social theory*. Princeton: University of Princeton Press. pp. 126-166.
- PIERRAT, Jérôme. 2000. *Les hommes illustrés. Le tatouage des origines a nos jours*. Paris: Larivière.
- RAMOS, Célia. 2001. *Teorias da tatuagem. Corpo tatuado*. Florianópolis: UDESC.
- SANDERS, Clinton. 1988. "Marks of mischief. Becoming and being tattooed". *Journal of Contemporary Ethnography*, 16(4):395-432.
- SEEGER, Anthony; DAMATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1979. "A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras". *Boletim do Museu Nacional*, 32:2-19.
- SWEETMAN, Paul. 1999. "Only skin deep? Tattooing, piercing and the transgressive body". In: M. Aaron (org.), *The body's perilous pleasures*. Edinburgh: Edinburgh University Press. pp. 49-66.
- TURNER, Victor. 1982. "Liminal to liminoid in play, flow, and ritual: an essay in comparative symbology". In: *From ritual to theatre: the human seriousness of play*. New York: PAJ. pp. 53-92.
- VELHO, Gilberto. 1981. *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.

Resumo

No presente artigo, realiza-se uma descrição etnográfica da prática da tatuagem na contemporaneidade, a partir de uma perspectiva que prioriza as noções da prática, das interações e das experiências vividas durante o processo de ser tatuado. A reflexão tenta reconstruir uma visão total da prática da tatuagem que abrange o mundo subjetivo e as dinâmicas sociais como partes constitutivas desse ato. Entre as idéias conclusivas estão, de um lado, o surgimento de uma nova normalidade estética e vivencial no seio da sociedade ocidental e, de outro, a configuração de uma nova subjetividade, a dos "tatuados", como um processo iterativo, inovador, emotivo e reflexivo, em que o corpo se converte em uma forma de expressão e construção do sujeito.

Palavras-chave: Tatuagem, Corpo, Subjetividade, Prática, Individualidade

Abstract

This article provides a descriptive account of contemporary tattooing, based on a perspective that prioritizes the notion of practice, as well as the interactions and experiences involved in the process of being tattooed. The analysis attempts to rebuild a holistic view of tattooing, combining subjective processes and social dynamics as equally constitutive parts of this activity. Among the conclusions reached are: (a) the emergence of tattooing as a new aesthetic norm and a lived experience at the heart of the western society; and (b) the configuration of a new subjectivity, the 'tattooed,' as an interactive, innovative, emotional and reflexive process in which the body is converted into a form of expressing and constructing the subject.

Key words: Tattoo, Body, Subjectivity, Practice, Individual